

*Tava lá na beira do Mar,  
-Tava Lá Na Beira Do Mar  
Quando Curio chegou  
Com um pandeiro e atabaque,  
Berimbau e açaô..."*

### **Pandeiro**

Desde o período neolítico que o instrumento é bastante conhecido e popular na Ásia, África e Europa, havendo no entanto a possibilidade de já existir a partir do período paleolítico. Em todas as grandes civilizações do passado, do Crescente Fértil ao Egito, passando pela Grécia e Roma, o pandeiro aparece representado com vulgaridade, especialmente ao redor do Mediterrâneo. O seu uso permaneceu até à atualidade na maioria das regiões do mundo chegando a alcançar orquestras, na execução da ópera Preciosa, de Weber. Existe em tamanhos e formas diversificadas como o pandeiro, a pandeireta ou o adufe, gerando variações como a pandeirola. No Brasil, quando surgiu o choro, no final do século XIX, o pandeiro veio dar o toque final ao ritmo marcante e brejeiro, originalmente executado ao piano e instrumentos de corda e de sopro.

De início, os pandeiros eram fabricados de forma simples, sem apuro técnico. Hoje, alguns fabricantes esmeram-se em sua confecção, utilizando membrana de pele de cabra para conseguir, no pandeiro, os sons graves do surdo e platinelas de metais nobres para se alcançar um som brilhante e preciso.

Os pandeiros mais utilizados têm diâmetro de 10 polegadas, porém eles também existem em diâmetro de 10,5, 11 e 12 polegadas. Conforme o tamanho do aro, o número de platinelas varia de 5 a 10 pares.

Pandeiristas existem por todos os rincões do Brasil, seja atuando em conjuntos de choro e de samba, em orquestras, e até aqueles que simplesmente carregam seu pandeiro aonde quer que vão, tocando em reuniões musicais. Na história da MPB, são muitos os pandeiristas ilustres. No Carnaval brasileiro o instrumento é muito utilizado. O pandeirista muitas vezes toca o instrumento enquanto uma sambista dança na sua frente. Também são vistas acrobacias giratórias com o pandeiro.



Figura 1 - Origem do Pandeiro



### PANDEIRO NA CAPOEIRA DO BRASIL

No Brasil, o pandeiro entrou por via portuguesa (sua provável origem é árabe). O negro aproveitou o pandeiro para utilizá-lo em seus folguedos. O pandeiro era usado para acompanhar as procissões religiosas, assim como ele fez parte da primeira procissão que se realizou no Brasil, em 13 de junho de 1549, na Bahia (Corpus Christi).

Feito de couro de cabra e madeira, de forma arredondada, é o som cadenciado do pandeiro que acompanha o som do berimbau, dando "molejo" ao som da roda. Ao tocador de pandeiro é permitido executar floreios e viradas para enfeitar a música. Os mais antigos o chama de bode por ser feito de couro de bode. Originando assim a frase "Traz o bode que vai começar a festa!".



Figura 2 - Pandeiro moderno



### Berimbau

Sua origem se perde na poeira dos milênios, porque o instrumento nada mais é que um modelo de arco, um dos primeiros instrumentos usados pelo homem para produzir sons, há quase 20 mil anos. A grande dúvida dos estudiosos, até hoje sem resposta: é se foi o arco usado para atirar flechas que deu origem ao arco musical - tataravô do berimbau - ou se ocorreu o contrário. Seja como for, o instrumento ganhou a forma que tem hoje entre as antigas tribos nativas africanas. Tudo indica que ele teria chegado ao Brasil já em 1538, junto com os primeiros escravos. Aqui, ele passou a ser identificado como elemento típico da capoeira. 'O berimbau é a alma dessa mistura de dança e arte marcial, definindo tanto os movimentos quanto o ritmo', afirma a historiadora Rosângela Costa Araújo doutoranda na USP e fundadora do Grupo Nzinga de capoeira-angola. Isso não significa, porém, que seu som hipnótico se mantenha restrito às rodas de luta.



Figura 3 - Origem africana do Berimbau

Na África, ele marca presença como acompanhamento musical de rituais fúnebres - e no Brasil também foi usado no século XIX por escravos recém-libertados para atrair compradores para os doces que vendiam nas ruas. Apesar do jeito de objeto improvisado, o berimbau é um instrumento sofisticado, capaz de emitir várias sonoridades. Numa roda de capoeira autêntica, ele costuma aparecer em trio, cada um com um diferente tamanho de cabaça (sua caixa de ressonância). Quanto maior ela for, mais grave é o som.

Percussão sofisticada

Para tocar berimbau é preciso dominar seus sete componentes

### Baqueta

A vareta de madeira, que mede entre 30 e 40 cm, é batida contra a corda para emitir o som

### Dobrão

Normalmente é uma moeda velha - mas há quem use uma pedra em seu lugar. Ela é segurada entre o polegar e o indicador da mão esquerda e faz variar as notas emitidas pelo berimbau, dependendo da pressão que faz na corda



### **Cabaça**

O fruto seco e limpo da cabaceira (árvore comum no norte do Brasil) tem o formato de uma cuia e funciona como caixa de ressonância

### **Verga**

O arco, com cerca de 1,60 m de comprimento, é feito geralmente do caule de um arbusto chamado biriba, comum no Nordeste

### **Corda**

O fio de arame de aço bem esticado costuma ser arrancado de pneus radiais

### **Rami**

O barbante que prende a cabaça à verga ajuda a passar para ela o som emitido pela corda

### **Caxixí**

O pequeno chocalho (com pedrinhas, sementes ou búzios) reforça a marcação do ritmo



### Atabaque

Assim como o pandeiro, os tambores são instrumentos muito antigos. Difundido na África, o tambor também aparece em registros persas e árabes. Inclusive o termo atabaque é de origem árabe. Mesmo com essa ligação africana, acredita-se que o instrumento já tinha sido trazido por mãos portuguesas quando chegaram os escravos africanos.

Uma vez aqui no Brasil, o atabaque foi incorporado à cultura afro-brasileira de uma forma tão intensa que grande parte das manifestações culturais e religiões afro-brasileiras, se não todas, apresentam o tambor como instrumento musical marcante. O samba, o jongo, o maculelê, o batuque, a umbanda e principalmente o candomblé são exemplos.



Figura 4 - Atabaque moderno

Em documentário do diretor pernambucano Alexandre Fafe, apresentado recentemente pela TV Cultura, aparecem velhos e jovens participando de uma brincadeira que eles denominam Batuque de Inhanhum. Muito parecida com o Jongo, essa manifestação de origem negra se apresenta em uma roda, onde homens e mulheres se revezam no centro dançando em duplas, seguindo o som dos instrumentos tocados pelos mais experientes. No documentário, Inhanhum é mostrada como uma cidade muito simples, que através de seus moradores, tenta manter viva a cultura popular da região. Tão simples que o ritmo do Batuque é feito por tocadores de latas e pandeiros. Os instrumentistas que entoam as antigas cantigas utilizam latas usadas (de tinta ou óleo) para desenvolver o som. Ao assistir essa passagem, me veio a ideia do tambor como um instrumento rítmico totalmente intuitivo. Na verdade, o bater sincronizado das mãos nos mais diversos objetos (lembrando Sivuca e Hermeto Pascoal) faz ecoar sons, sendo os tambores construções evoluídas que otimizam assim o som emanado das batidas.

Porém, mais do que um instrumento musical, o atabaque é considerado por muitos um instrumento sagrado. No candomblé, os atabaques possuem participação especial, capazes de realizar, junto com os cantos, a ligação entre o mundo dos homens e dos orixás. Na capoeira, como não poderia deixar de ser, o atabaque se fez presente nos primórdios do jogo. Instrumento que, quando bem tocado, fornece uma beleza maior às baterias aparece com frequência nas rodas de capoeira como instrumento de marcação do ritmo estabelecido pelo berimbau. Uma exceção surge nas vadiações dos capoeiras que seguem "à risca" os ensinamentos de mestre Bimba, dentre os quais a não utilização do atabaque.

Mesmo que alguns pesquisadores afirmem que a utilização do tambor na capoeira não teve uma continuidade histórica, e que o atabaque foi introduzido na capoeira recentemente, talvez por Mestre Canjiquinha, com todo o respeito, considero improvável tal fato. Mestre Bimba, retirando o atabaque da sua bateria antes da década de 30 do século passado, só poderia ter tomado tal decisão se o atabaque estivesse presente na capoeira. Além disso, não desmerecendo os recursos e a criatividade do mestre da alegria, Mestre Canjiquinha nasceu em 1925, o que nos leva a concluir, após uma análise de datas, que seria muito improvável que o mesmo tivesse sido o responsável pela inserção do atabaque na capoeira.

### Agogô

O agogô é um instrumento proveniente dos iorubás da África Ocidental (Nigéria) cuja arte remonta a pelo menos a século 5 AC. O nome do agogô significa sino em iorubá. Tem sido usado na música iorubá tradicional durante séculos até hoje de dia. Geralmente é acompanhada por diversos tambores em cerimônias e festivais. Os iorubás da África Ocidental costumavam trabalhar com bronze e ferro fundido por séculos e é a partir desta época que o agogô nasceu. Seus ferreiros criavam esculturas de ferro, através de marteladas, soldagem e fundição. Além disso, Ogun (um deus homenageado ainda hoje no candomblé brasileiro) é homenageado como o deus do ferro. Este período de fundição de ferro foi datada pelo menos ao século 12 com o reino dos iorubás sendo uma das civilizações mais avançadas do período medieval.

E assim o foi por várias centenas de anos antes da chegada dos primeiros exploradores europeus.

O grupo étnico Yoruba (também conhecido como o Nago) foram uma das grande etnias des escravos trazidos para o Brasil.

O agogô serve quase para a mesma finalidade no Brasil do que acontecia em África. Não é surpresa que seja utilizado em

religiões afro-brasileiras como o candomblé, mas além disso é usado em Samba - na verdade é visto como um dos instrumentos de samba original, juntamente com a bateria. O agogô sofreu pequenas mudanças no mundo moderno, mas ainda tem a mesma construção básica.



Figura 5 - Agogô original dos Yorubas



Figura 6 - Agogô de metal



Figura 7 - Agogô de Castanha